

Mitos e crenças sobre aspectos ligados à sexualidade

C441. A Educação Sexual em Meio Escolar: Metodologias de Abordagem/Intervenção

Formadoras: Isabel Leitão

Cândida Ramoa

Formanda: Lúcia Reis

A nossa sociedade é, ainda, muito marcada por mitos e crenças relacionados com a sexualidade, que foram resistindo ao passar dos anos, apesar dos muitos estudos que já foram feitos, mostrando que não passam de opiniões deturpadas e de conceitos falsos, que podem ter repercussões graves nas vivências e no desenvolvimento dos indivíduos. Eles são o reflexo de uma tradição social que se foi construindo ao longo do tempo, tradição essa que os tornou em verdades indiscutíveis. Se algumas dessas representações se evidenciam como inocentes para o ser humano, outras revestem-se de tal gravidade que necessitam ser constantemente questionadas e divulgadas, de forma a poderem ser desmitificadas.

Um dos mitos bastante conhecido é o do 'macho latino'. Este mito leva muitos homens a ter representações como aquelas que são apresentadas por Sena (in http://www.srsdocs.com/parcerias/revista_imprensa/medicosdeportugal/2007/mp_2007_01_19_01_k.htm): um verdadeiro homem tem relações sexuais com muita frequência; sexo sem orgasmo nunca pode ser bom; o que satisfaz a mulher é a potência do pênis; a mulher pode duvidar da virilidade do homem sempre que este não consegue a ereção durante o acto sexual; um homem que não satisfaça a mulher é um fracasso. Assim, homens que tenham este tipo de crenças podem, perante situações de insucesso ocasional, considerar, desnecessariamente, que são, a nível pessoal, incompetentes e falhados. Na mesma linha, não são raras as mulheres que acreditam em ideias preconcebidas que podem ser, igualmente, prejudiciais, como sejam: com a idade a mulher perde o prazer pelo sexo; mulheres fisicamente pouco atraentes não conseguem ser sexualmente felizes; uma mulher feia não consegue satisfazer sexualmente o companheiro; após a menopausa a mulher deixa de sentir desejo sexual.

Segundo Duran & Cristina, referido por Lourenço e Vasques (in <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESPS/Edicoes/27/imprime77871.asp>), vivemos ainda num mundo machista, existindo a ideia de que cabe ao homem a responsabilidade do funcionamento sexual eficiente e se tal não acontece ele menospreza-se. Por outro lado, a mulher é vista como aquela que deve satisfazer o homem, deve ser romântica e saber reprimir os seus impulsos sexuais naturais. Prevalece, ainda, a ideia de que uma mulher deve ser delicada, meiga e frágil.

Como salientam Flores e Amorim (in <http://www.pesquisapsicologica.pro.br/pub01/andrea.htm>), as experiências sexuais precoces são bem vistas nos rapazes, enquanto que nas raparigas é valorizada a castidade, pretendendo-se, durante muitos anos, com esta repressão ligada à sexualidade feminina, evitar o prática sexual até ao casamento. Segundo estas autoras, "[...] A tendência feminina diante do relacionamento conjugal é manter e garantir o prazer masculino, deixando para segundo plano a atenção sobre si mesma. Mesmo estando infeliz, ela não revela [as] suas frustrações, pois teme que, ao fazê-lo, o homem se sinta menos homem, o que pode trazer instabilidade ao casal." A mulher é, muitas vezes, educada a não mostrar os seus desejos, mas sim a responder ao amor, enquanto que o homem é ensinado, desde pequeno, a apreciar a aparência das

mulheres e a provar que é homem através de um comportamento sexualmente activo. Segundo as autoras anteriormente referidas, “Para o homem, sexo e amor são [...] antagónicos; enquanto para a mulher, devido à educação que recebeu, uma coisa complementa a outra. Eles conseguem obter prazer com mulheres pelas quais não têm algum sentimento, ou seja, que não amam [...]. Culturalmente é passada à mulher a ideia de que só pode se relacionar sexualmente com quem ama, sendo, a partir daí, o prazer sexual associado ao sentimento de amor. Dessa maneira, algumas passam a ter dificuldades em expressar sua falta de prazer, pois estariam a assumir a inexistência do seu amor pelo companheiro. “

Os pais, como primeiros e importantes agentes de socialização, contribuem de forma significativa para que os seus filhos interiorizem, desde cedo, representações sobre a diferença, muitas vezes exagerada, entre homens e mulheres. “Os bebés do sexo masculino têm cobertores azuis e do feminino, rosa. Espera-se que os meninos brinquem com camiões [...] e soldados [...]; as meninas recebem bonecas e utensílios de cozinha. Os meninos devem ser masculinos – activos, agressivos, durões, ousados e dominadores –, mas as meninas tem de ser femininas – delicadas, emocionais, doces e submissas” (Schaefer, 2006). Estas representações encontram-se, até nos brinquedos, como os bonecos lutadores e musculados com que brincam os meninos e as magras e delicadas bonecas Barbie presentes nas brincadeiras das meninas. As crianças crescem a ouvir dizer, também, que os homens não pintam as unhas, não fazem bordados em público, não fazem festas para vender utensílios de plástico e que as mulheres não mandam flores aos homens, não sabem falar com conhecimento sobre carros, não abrem as portas aos homens para eles entrarem primeiro. Estes padrões tradicionais influenciam muito a socialização das crianças e as suas crenças sobre as diferenças de género.

Após os anos sessenta, a sexualidade começou a ser mais discutida por vários meios de comunicação, atenuou-se as diferenças entre os comportamentos masculino e feminino esperados e a sociedade passou a se familiarizar com atitudes antes não aceites, como: mães solteiras, pais que criam filhos sozinhos, casal de namorados que dormem em casa dos pais de um deles. Apesar disso, muitos mitos ligados à sexualidade permaneceram ao longo do tempo e chegaram até nós, influenciando os indivíduos e a maneira como vivem e julgam as questões relacionadas com a sexualidade.

Os mitos que a nossa sociedade alimenta sobre a homossexualidade são, também, um exemplo do referido anteriormente, como os salientados por Berdún (2002):

- Os homossexuais masculinos são mais efeminados e as lésbicas são «Maria rapaz».
- Um homossexual quer ser mulher.
- A sexualidade das mulheres lésbicas é incompleta, já



que falta algo fundamental, o pênis.

- Nos casais *homo*, um faz sempre o papel de mulher e o outro de homem.
- Homossexualidade pode tratar-se psicologicamente.
- Os homossexuais são os primeiros infectados pela SIDA.
- Os homossexuais abusam das crianças.
- O sexo anal é a prática principal dos homens *homo*.”

Não menos frequentes são os falsos mitos relacionados com a primeira relação sexual.

Entre eles destaco os expostos pela autora atrás citada:

- “• A primeira relação completa é muito dolorosa para a mulher.
- A rapariga tem de sangrar, se não o fizer, é porque não é virgem.
- O rapaz é que tem de tomar a iniciativa na hora de fazer amor e de decidir o momento.
- É impossível ficar grávida na primeira vez.
- Para os rapazes, a primeira vez não é importante.”



(*) Frases obtidas através de pesquisas realizadas pela Fundação Carlos Chagas – «Esse sexo que é nosso».

Culturalmente estão, também, enraizadas ideias erróneas sobre a menstruação.”Um dos tabus mais divulgados é o que relaciona a menstruação com a impureza ou como sendo algo prejudicial. Em algumas zonas rurais pensa-se, ainda, que se uma mulher com a menstruação tocar as frutas em tempo de colheita, estas ficaram estragadas em poucas horas, ou se ela se aproximar do vinho em fermentação, este ficará azedo” (Berdún, 2002).

Do mesmo modo, a gravidez esteve sempre envolta em mitos, que reforçam os receios infundados das mulheres grávidas. Esses mitos talvez sejam uma herança que remonta à existência de séculos de altas taxas de mortalidade durante o parto e entre os recém-nascidos. Apesar dos avanços actuais ao nível dos cuidados de saúde, eles perduraram até hoje. Muitas pessoas, perante uma mulher grávida, não resistem à tentação de contar histórias terríveis e de dar conselhos, que são devotamente seguidos, invocando o lema ‘mais vale prevenir que remediar’, embora se tenha consciência da fragilidade científica que possuem. Assim, uma crença vulgar sobre este tema consiste em acreditar que não devem existir relações sexuais

durante a gravidez, sendo o medo de magoar o feto o principal responsável por esta ideia. Outras crenças sobre este tema são, por exemplo, as que se seguem:

“As grávidas devem comer por dois.

Barriga redonda é menina, bicuda é menino.

Se a grávida tem azia, o bebé é cabeludo.

Se os desejos não forem saciados, o bebé nasce com um sinal em forma do alimento.

Se cheirar flores, a mancha é em forma de flor.

Se tocar em gatos o bebé nasce com chiadeira.

Se usar fios ou cintos, o bebé nasce com o cordão umbilical enrolado ao pescoço.

Lua nova, trabalho de parto à vista.”

(in <http://www.paisefilhos.pt/index.php/gravidez/gesta-menu-gravidez-67/1814-mitos-e-medos-na-gravidez>).

Apresenta-se, seguidamente, um quadro síntese com alguns mitos recolhidos por Lourenço e Vasques (in <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESPS/Edicoes/27/imprime77871.asp>):

- O hímen é a prova da virgindade;
- As mulheres não têm desejo sexual durante a gestação;
- O coito durante o período menstrual traz um risco de infecção na mulher;
- Os que se abstêm de sexo são os que gozam de mais saúde;
- O tamanho do pénis influi no prazer;
- A erecção indica necessidade de relações sexuais imediatas;
- O homem nunca falha; quanto maior a frequência, maior é o desgaste (sexual, psíquico, físico, etc.);
- A virgindade é o tesouro da mulher;
- A mulher tem menos necessidade de sexo que o homem;
- Na mulher, a sensação do gozo é mais espiritual que corporal;
- As emissões nocturnas [...] são sintomas de distúrbios sexuais;
- A actuação e o desempenho desportivos são prejudicados pela relação sexual ocorrida na noite anterior;
[...]
- As mulheres frígidas são-no por natureza e jamais conheceram o orgasmo;
- A menopausa assinala o fim da vida sexual da mulher;
[...]
- O álcool é estimulante sexual;
- Sexualmente a mulher é passiva e o homem é activo;
- Se a mulher não é charmosa e jovem não pode gozar de uma boa relação;
- Se um homem é esterilizado o impulso sexual diminui;
- Os negros têm maior impulso sexual do que os brancos, os seus pénis são maiores do que os dos brancos;
[...]
- A mulher deve entregar-se ao homem para satisfazer o desejo dele;
- A mulher não deve demonstrar interesse e ter iniciativa frente ao sexo;
- A mulher não deve dar conhecimentos de suas preferências eróticas para não ferir o seu parceiro;
- A mulher não deve ter relações sexuais durante a menstruação;
- A mulher não deve vivenciar actividade sexual em que a vagina não intervenha como zona erógena;
- A mulher deve chegar ao orgasmo durante o coito, pois somente a penetração é a forma correcta de lográ-lo;
[...]

- O orgasmo feminino deve ser simultâneo com o do homem;
- A mulher deve dar por finalizado o acto sexual assim que o homem tenha ejaculado - o sexo acaba no gozo dele;
- A mulher que vivencia o sexo deve amar seu parceiro.

A falta de conhecimento sobre a sexualidade humana é uma realidade muito presente na nossa sociedade, sendo essa precariedade de informação independente do nível socioeconómico e cultural dos indivíduos, como referem Cardoso e Lazzarotto (in <http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Saude/eixo2/22gessimariacardoso.pdf>). A ignorância em relação a muitos assuntos relacionados com a sexualidade humana contribui para perpetuar mitos e crenças erróneas, herdadas das gerações anteriores. Fornecer informação adequada e desconstruir essas ideias infundadas é tarefa de qualquer educador. Uma educação sexual assente nestes princípios contribuirá para que os jovens possam actuar de um modo crítico e responsável e vivenciar a sua sexualidade de forma mais saudável e gratificante.

Bibliografia

- Berdún, Lorena (2002). *Na tua casa ou na minha*. Porto: Areal Editores.
- Schaefer, Richard (2006). *Sociologia*. São Paulo: McGraw-Hill.

Webgrafia

- http://www.srsdocs.com/parcerias/revista_imprensa/medicosdeportugal/2007/mp_2007_01_19_01_k.htm
- <http://leiturasdahistoria.uol.com.br/ESPS/Edicoes/27/imprime77871.asp>
- <http://www.pesquisapsicologica.pro.br/pub01/andrea.htm>
- <http://www.paisefilhos.pt/index.php/gravidez/gesta-menu-gravidez-67/1814-mitos-e-medos-na-gravidez>
- <http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Saude/eixo2/22gessimariacardoso.pdf>